

O CONCEITO DE FRONTEIRA EM DELEUZE E SARDUY

Luís Sérgio Duarte

Universidade Federal de Goiás

O conceito de fronteira em Deleuze

Procuro a teoria da fronteira em Deleuze, partindo de sua definição da filosofia como disciplina criadora de conceitos. O comentário filosófico é o variável lugar de encontros e articulações de conceitos. O conceito como o ser é imanente diferenciação. Deleuze filia-se à linhagem da metafísica ocidental que resiste ao dualismo: trata-se da condenação das naturezas simples e absolutas sustentadas por instâncias transcendentais ou transcendentes.

Os textos de referência são *Nietzsche e a filosofia* (1962), *Espinoza e os signos* (1970), *Mil platôs* (1980) e *O que é a filosofia?* (1991).

Fronteiras são construções. São processos social e historicamente - vale dizer, simbolicamente - produzidos. Devem ser concebidas mais como abertura e atualidade, do que como dado ou acabamento. São locais de mutação e subversão, regidos por princípios de relatividade, multiplicidade, reciprocidade e reversibilidade. São lugares que deixam claro a validade da máxima bachelardiana “Longe de ser o ser a ilustrar a relação, é a relação que ilumina o ser”.¹

Fronteiras são sítios da exacerbação e do excesso, onde limites são ultrapassados, novas dimensões descobertas, e reordenamentos encaminhados. Por isto, são espaços de ruptura e conflito: ambientes de extremidade, crista e culminação. Elaboram originalidade pela via da multiplicação da experiência. Realizam modificações espirituais que as aproximações sucessivas possibilitam. Produzem diferença pela liberação da imaginação (excesso insensível, estado da intensidade). A imaginação não é apenas a mediadora entre o entendimento e a sensibilidade, ela possui um dinamismo próprio, livre de esquemas. Ou melhor, seu esquema é interior. O drama de idéias opera deslocamentos e saltos, reaproximações. Como o sonho (deslocamento e condensação), ou o ovo (corpo sem órgãos) a imaginação não depende de corpos organizados, psiquismos consolidados, sujeitos constituídos, identidades fixas. Na fronteira aprendemos a viver com a contingência, a incompletude, a historicidade. Na terra onde tudo está por ser feito a regra é o improviso do espadachim, a bricolagem do pensamento selvagem.

Fronteiras são lugares de devir: a forma da evolução por aliança (não por filiação); “[D]omínio das simbioses que coloca em jogo seres de escalas e reinos inteiramente diferentes, sem qualquer filiação possível”, criação que se faz a partir do contágio, o devir é a especificidade resultante da coexistência de durações, das comunicações transversais entre populações heterogêneas. Proliferação, propagação, povoamento produtor de híbridos, o devir é uma involução. Involução no sentido de dobra: o involuto é aquele que tem as bordas enroladas para dentro, mas não no sentido da regressão ao menos diferenciado. Involuir é “formar um bloco que corre segundo sua própria linha, entre os termos postos em jogo, e sob as relações assinaláveis.”²

Fronteiras são exterioridades: resultados expressivos. Nelas, imperam imagens, figuras, formas, tipos: elementos que permitem a teoria, a facilidade da relação. Em Deleuze, a teoria das fronteiras enfoca a coexistência, mais do que a identidade; mais do que a sucessão, a correspondência – objetos de pensamento acessíveis pelo contorno. Trata-se do recorte que instala o limiar pela consistência interna dos componentes, e que registra a escolha pela regionalização, marca da vizinhança e sinal de consistência externa.

Fronteiras são lugares de deslizamento. Alianças, bifurcações e substituições que preparam o reconhecimento e a necessidade de limites. A oscilação característica de uma linha de tradução produz, ou o reconhecimento dos perigos (o medo ou a vitória da tranqüilidade dos sistemas molares, clareza ou crença de ter entendido tudo, o poder ou a impotência alternantes daquele que quer deter as linhas de fuga, o desgosto ou o risco de reterritorialização destrutiva), ou, pela vitória do desgosto (o pior dos medos), instala o estado suicidário: a vontade de fazer morrer e de morrer, paixão de abolição.

As fronteiras são a vitória da contingência. Arrancam a história da necessidade, estabelecem o devir (o tornar-se):

...ainda hoje a história designa apenas o conjunto das condições, por mais recentes que sejam, das quais nos desviamos para nos tornarmos, ou seja, para criarmos qualquer coisa de novo.³

As fronteiras são zonas cinzentas, onde os contornos são mal definidos, a separação e a ligação dos campos opostos se fazem sem vergonha. “O sentimento de vergonha é um dos mais poderosos motivos da filosofia”.⁴ Mas, são também zonas de troca: “o devir é sempre duplo e é esse duplo devir que constitui o povo futuro e a nova terra.”⁵

As fronteiras impõem o método das linhas de fuga ou da divergência das formações. Desfazer ou inverter, operando a análise dos estados mistos, ousando conceber os tipos mistos. Enxergar mais agenciamentos do que abstrações, mais acontecimentos do que essências, mais dispositivos do que ações, mais linhas do que pontos. O método da fronteira é o da construção cartográfica (construir mapas é se propor ao registro aberto, relacional, reversível, arbitrário, múltiplo, político). Ele procede microanaliticamente: busca focos de unificação, nós de totalização, processos de subjetivação. Contra os modelos estruturais (a idéia da base que opera a constituição, como a raiz) e gerativos (a idéia do pivô que instala a sucessão, como a árvore) propõe-se o modelo rizomático: “O único subtraído da multiplicidade a ser constituída”.⁶ Conexão, heterogeneidade, multiplicidade e ruptura como princípios de construção e de apreensão de processos que ocorrem

na dimensão transformacional e subjetiva. Dar atenção ao novo, à emergência, à atualidade, ao invés de fixar-se no eterno. Rachar as coisas (esquisoanálise), ao invés de buscar origens. É uma arte das superfícies (o mais profundo é a pele). É o saber das inscrições, a tematização dos enunciados: hiper-hermenêutica. Não interpreta: experimenta, desdobra. Não representa: apresenta. Mais que fixar-se no todo, produz a diferença.

A fronteira é o lugar onde se produz a arte da contraconquista. Podemos aproximar a filosofia virtual de Deleuze do neo-barroco americano (Lezama, Carpentier, Sarduy, Haroldo de Campos). Se o nosso tema de fundo é a filosofia da ciência e se esse interesse está situado numa grande fronteira (a América) e no Brasil central (fronteira de fronteira) não podemos esquecer a versão americana do historicismo: busca da originalidade do novo continente, pela via da subversão do conceito linear de história e pela crítica dos marcos temporais objetivos. Um bom exemplo da presença desse estilo “neo-historicista” entre nós é Severo Sarduy.

Epistemologia do Barroco e Teoria da História em Severo Sarduy

Trata-se de localizar e interpretar as noções de violência dérmica, de repercussão mnêmico-factual e de simulação como índices da chamada epistemologia do barroco (tese de alguns ensaios de Severo Sarduy, reunidos no segundo volume de suas *Obras Completas*), e relacioná-las às discussões sobre o neo-historicismo e a teoria da história. Minha tese é a de que a ensaística do autor cubano pode ser tomada como referência para a localização de conceitos e métodos para as ciências da cultura.

Sarduy explora o território do mimetismo dos excluídos. Expõe a lei e o zelo da simulação. Hipertelia, ou suplemento e exagero, que assinalam e denunciam; camuflagem, ou conversão cosmética, que esconde uma revolta contra a fixidez e um desejo de desaparecimento; intimidação ou desajuste e desmedida, que paralisam e assustam.

É um depósito de conceitos afins aos dos intentos de conhecimento das fronteiras. Tal conhecimento é o problema de fundo da história cultural.

A interpretação dos sistemas simbólicos é possibilitada pela reflexão sobre as condições de produção – as condições de produção da interpretação. Esta é a idéia que coordena as ciências humanas. Somente uma genealogia dos valores poderá justificar o interesse em conhecer os fenômenos que portam valor. Mas há divergências. Uma delas é a que se desenvolve em torno do conceito de representação. Uma das correntes defende o princípio da indeterminação (descrições não existem, só existem representações); a outra afirma a existência de discursos – como a narrativa histórica, por exemplo – nos quais os enunciados pertencem tanto ao nível da descrição (estão limitados por uma referência) quanto ao nível da representação (assumem atitudes proposicionais). Uma enfatiza a intenção autoral; a outra focaliza a compulsão do real. Sarduy pertence ao primeiro grupo:

Para que todo signifique hay que aceptar que me habita no la dualidad, sino una intensidad de simulación que constituye su propio fin, fuera de lo que imita: que se simula, la simulación.⁷

21

O travesti quer simular, e não copiar a mulher. Captar o feminino como aparência, construção e arbitrariedade, supondo a inexistência do ser copiado: reino e força como índice de um defeito. Isto é o humano pós-metafísico, a aceitação vanguardista e antecipadora do contraditório e do ambíguo.

Um projeto estético-político, sobretudo. Movimento contra a fixação; teatro contra a prisão; blasfêmia contra o rei; perversão da finalidade sem sujeito contra a moral sem finalidade do sujeito puro; cena; claridade lúgubre orgia (identidade de opostos, antípodas idênticos) contra o elogio da razão pouco crítica. Consciência do mal, escrita de vigília como irradiação de um corpo estranho, dirigindo o pensamento num exercício de corte, interrupção e despertar que o devolve a si mesmo. Ainda o projeto desalienador. A transgressão como abolição dos contrários. Pensamento como transgressão é sinônimo de despertar como crítica.

Diante do fantasma da fixação, move-se a revolta contra o logocentrismo. Reino do plástico e do acessório, o texto torna-se pura perspectiva, código que só se realizam apenas na leitura e tem aí a sua duração. Significantes em relação

assumem resíduos de significado. Referentes são esvaziados para se instalar a interpretação radical na estrutura das valências, nas combinações, nas antíteses. Sarduy é pós-estruturalista. Como Deleuze está envolvido na crítica da vertente dualista da metafísica ocidental. Também Barthes e Derrida alimentam e são alimentados pela poética e ensaística do mestiço (ELE É NEGRO E CHINÊS) de além-mar.

22 Com Carpentier e Lezama, Sarduy constitui a vertente do surrealismo cubano, eixo da literatura do Neobarroco. Engajamentos os mais diversos (sociais, existenciais, identitários), preocupações didáticas (impacto das justaposições de contrários), e uma arte da argúcia (relações inéditas descobertas pelos procedimentos hiperbólicos, expressivos, artificiosos, elípticos) são mobilizados para uma outra história cultural do Ocidente, cujo modelo é o ensaio sobre o barroco. É a valorização da mutabilidade da forma (anamorfose): reunião divergente, oposição relativa impondo intercâmbio e anulação. Deslizamentos retóricos são localizados e descritos. Elementos de esferas distintas são lidos em confusão e troca. Blocos de atividade simbólica, planos de conversão e níveis de repercussão são categorias que orientam uma história das figuras. Círculo, eclipse e hélice são metáforas mestras de epistemes em seqüência. Constrói-se um saber das afinidades: o apego a uma forma encobre um intento de totalização ideal; a transgressão da metafísica implica que os limites estejam sempre ativos; a redução isomórfica possui um suporte logocêntrico.

Estratégias de deciframento discursivo são explicitadas por essa história da repercussão (*retombée*). Cosmologias influenciam estilos de literatura, pintura, arquitetura e urbanismo. O método é a investigação discreta das interferências: atenção às descontinuidades das cadeias significantes, aos deslocamentos simbólicos, à evocação.⁸ Semiótica, psicanálise e iconologia instalando análise de faltas, realizando semânticas de posição, interpretando economias de supressão, codificações repressivas, situações de imaginabilidade. O sentido não está escondido, seu registro é inscrição superficial. É na pele, na face dos corpos que ele se instala, repercute e se dá a ler. Isto é violência dérmica. Cada ato simbólico é pura violência: gesto de decisão contra a natureza. Fatos deixam inscrições e a

memória os repercute, os ecoa. É por isso que um saber das cores, dos tons, das fisionomias e das marcas precisa ser ativado. Somente o refinamento categorial pode enfrentar o mundo das correspondências.

Sarduy exercita um tipo de americanismo: saber e experiência da fronteira, que é também um modelo de história (arqueologia rastreadora). Paradigma indiciário a serviço da heteronomia. História como reconstrução de jogos de máscaras, descoberta de sujeitos múltiplos, exercício de construção identitária. O passado como coro de muitas vozes. Método como busca de precisão nos movimentos deflectores, localização da multiplicidade de registros, abertura para referências de alteridade, “arte de decompor uma ordem e compor uma desordem”. Texto tatuado, sentenças teoricamente inscritas em oposição à descrição objetiva: adereços rituais de cerimônias mágicas vão de encontro a raciocínios frouxos. Arquitetura verbal e saturação de signos, em hostilidade contra a obra acabada. Um saber sobre as fronteiras (passado, presente e futuro) que incorpora os limites do compreensível, mas assume a anulação do tempo que instala a escrita da história.

23

A simulação é subversiva por copiar o efeito, não a idéia. Recusando-se a captar o central (o fundador) o que se pretende é afirmar um saber que não possui. A presença plena não existe. No centro, apenas vacuidade germinadora, que instala o simulacro, a imitação, a analogia, a camuflagem, a teatralidade. Procedimentos que se concentrem em captar a superfície, a pele, o envolvente são, então, mais adequados para a interpretação dos fenômenos que expressam a lei do disfarce. Sarduy denomina como “desejo de barroco”⁹ o anseio pelo gasto, pelo luxo, pelo faustoso. A prática de fazer-se passar por outro - a representação como substituição, não como coincidência - subverte os intentos de caça aos modelos. Por isso é bom assumi-la e disponibilizá-la. Em sistema e segundo o caso, encaminha-se a escolha. Um saber relacional não é relativista. A perseguição metódica que visa a essência deve ser substituída pela produção perspectivada de similitudes. O modelo é depredado no momento de captação da sua aparência.

No Ocidente, a compulsão classificadora – o poder de dividir para reduzir – desvia o pensamento da questão fundamental da representação: quem e o que se representa se resolvem com assertivas asseguradoras de presença.

En Oriente se diría que el saber en si mismo es un estado del cuerpo, es decir, un ser compuesto, una simulación de ser – de ser ese saber –, que no hace más que recordar el carácter de simulación de todo ser – al manifestarse como ese ser.²¹⁰

Sarduy valoriza as referências que, no Ocidente, fortalecem o estilo de pensamento asiático. O barroco é um exemplo de estilo corporal, mais aberto ao tato que ao discurso. Exercício de calma, cortesia, elegância e dúvida: chance de comunicação com o outro. Como forma de linguagem – a frase rebuscada, o raciocínio labiríntico –, o barroco assume a teatralização. Cada escrita é um duplo: comentário, enxerto, palimpsesto, textura, artifício. Espaço dialógico radical: sugere mais que predica. Contradiz mais que representa.

*

24 | A ensaística de Sarduy é um exemplo de neo-historicismo. Um retorno atualizado à tradição das ciências do espírito. Hermenêutica radical que desconstrói as idéias de ciência e de espírito. O avanço no projeto da interpretação tem que ser entendido como investimento na diferença, pela comparação e relação perspectívada. No caso de Sarduy, o historicismo, renovado por uma crítica que o quer livrar de seus pressupostos essencialistas, se apresenta como modelo para a reabilitação da narração. No caso de Deleuze o estruturalismo reforma-se pela genealogia e pela crítica da moral como releitura da metafísica. Com a aproximação das duas posições, o que sobressai é a história da constituição do método de fronteira.

A exposição narrativa dos acontecimentos (a valorização dos aspectos retóricos contra as pretensões de explicação teórica), a atenção aos fenômenos da linguagem (a aplicação da teoria da metáfora ao estudo da historiografia e a preocupação em situar, como ato de fala relacional, inscrito em uma língua específica, ou episteme, todo projeto de saber) e a adesão a uma ontologia pós-metafísica (que se percebe como crítica, pela via da historicização, dos sujeitos do conhecimento, dos intentos de absolutização da verdade e da ciência que marcaram a racionalização do pensamento histórico) caracterizam posições que podem ser diferenciadas segundo um maior ou menor radicalismo na crítica, daquilo que

essa corrente interpretativa denomina os pressupostos e modelos de uma leitura atualizada do passado.

NOTAS

- ¹ BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p. 127.
- ² DELEUZE, Gilles. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: 34, 1997, v. 4, p. 19.
- ³ DELEUZE, Gilles. *O que é a filosofia?* Lisboa: Presença, 1992, p. 86.
- ⁴ Ibidem, p. 96.
- ⁵ Ibidem, p. 98.
- ⁶ DELEUZE, Gilles. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: 34, v. 1, p. 15.
- ⁷ SARDUY, Severo. "La Simulación", em *Obra Completa* t. II. Madrid: Allca XX, 1999, p. 1266.
- ⁸ Ibidem, p. 1236.
- ⁹ Ibidem, p. 1269.
- ¹⁰ Ibidem, p. 1271.

Resumo

Esse artigo busca aproximar as obras de Gilles Deleuze e Severo Sarduy a partir do conceito de fronteira. Com o primeiro localizo o conceito, em seguida, e a partir da ensaística do segundo, tento apresentar as características do que se poderia chamar epistemologia neo-barroca (o que denomino "o método da fronteira") e mostrar sua produtividade para uma teoria da história pós-moderna.

Palavras-chave: Fronteira - Deleuze - Sarduy - Neo-barroco - Caribe

Abstract

This essay tries to link the works of Gilles Deleuze and Severo Sarduy from the concept of boundary. I begin with the first author in order to determine the concept, then, since the second's essays, I try to expose the characteristics of a possible neobaroque epistemology (what I call "the boundary's method") and to demonstrate its advantage for a postmodern theory of history.

Key words: Boundary - Deleuze - Sarduy - Neobaroque - Caribbean